

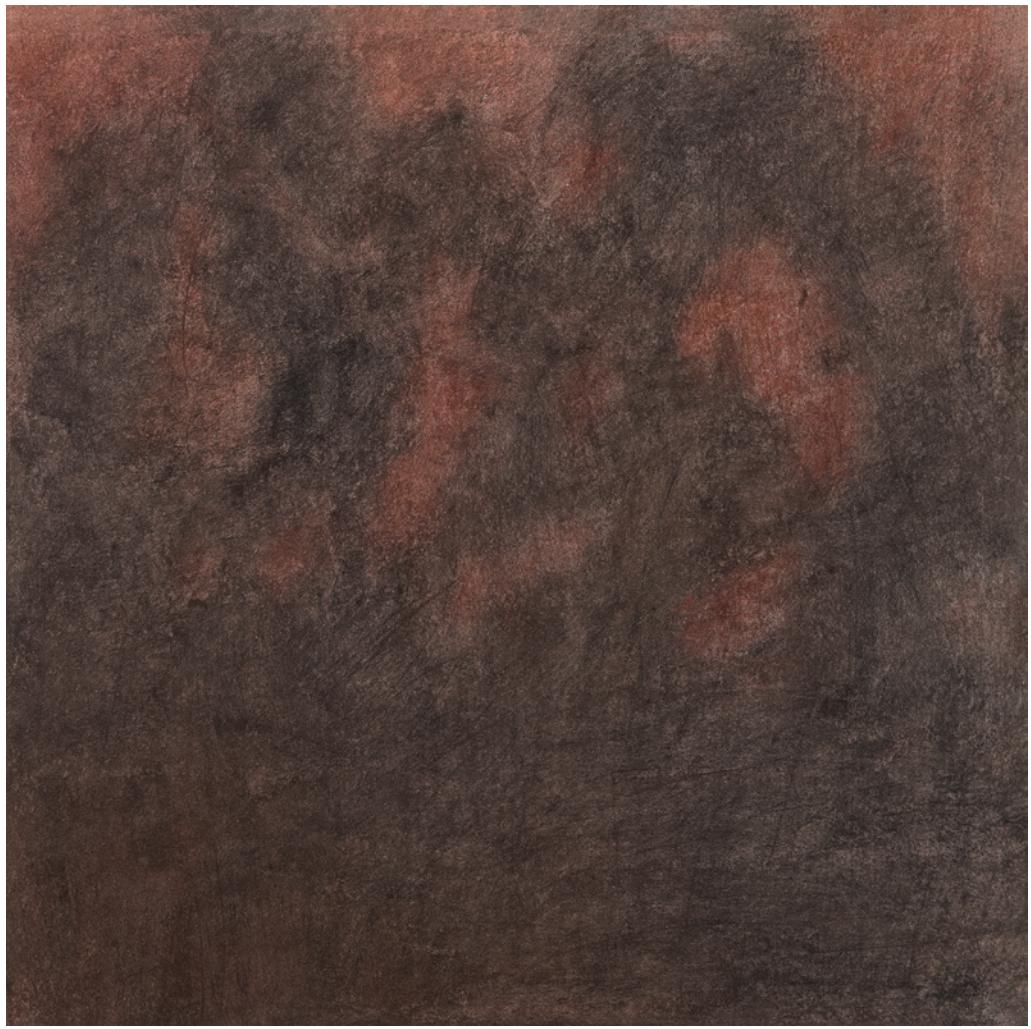
O ar do sopro

Gabriela Giannotti

<i>Pressentimento</i>	5
O sonho de uma cabeça	7
Ver mais	20
<i>Fantemas</i>	22

O ar do sopro

Gabriela Giannotti



**Não existe pensamento que abarque
todo o nosso pensamento**

Merleau-Ponty

O sonho de uma cabeça

No início, há uma imagem. Uma imagem vista, encontrada, procurada ou vivida, algo de marcante pelos maiores ou menores motivos. Se o nosso mundo fosse outro, e o imperativo não fosse a palavra, com a ponta dos meus dedos eu destacaria essa película gravada nos meus olhos, como uma lente de contato, e colaria nos seus. Você veria minha visão, e veria no que a transformei conforme pensava nela e dela me distanciava. Mas você veria o que eu quisesse te mostrar, e essa seria nossa linguagem. Se o mundo fosse esse, o que eu gostaria de dizer já estaria visto.

Essa imagem existe em frágil suspensão: invisível e muda, mas existe como ideia. Não poderia ser fielmente substituída por qualquer outra palavra ou imagem que não ela mesma, entretanto é igualmente impossível devolver uma visão à paisagem, ou o som à fala. Sua transcrição literal encontra com a frustração da ponta da língua: quando a palavra dá o salto, a ideia deixa de ser o que era. É como se, na tentativa de dizer “não!”, eu exclamasse “ano”, e a contestação fosse convertida em medida do tempo, e o sentido da minha intenção fosse perdido.

[...] Por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam. **1**

São mundos em desencontro e, na lacuna entre visão e fato, intenção e forma, é aberto o intervalo para a criação.

Do mundo à mente, tudo o que é coisa vira pura ideia, amorfa e vaporosa. Na tentativa de contê-la, ela escapa; no esforço de cristalizá-la, ela estilhaça. Quando dispersa, é quase invisível, mas capaz de formar um novo mundo em si. A leitura da palavra “mar” fabrica um novo, ali, com toda sua grandeza. O rijo espaço de uma cabeça comporta-se como um balão, distende-se e toma a forma do pensamento. Se o texto enunciar um “mar invertido”, imediatamente o farei, inaugurando ao mar uma possibilidade que, no real, só levaria ao escoamento de suas águas de volta ao chão. O mar imaginado, narrado ou desenhado não terá o gosto salino de uma onda, bem como uma pintura tingida de sua água não fará da imagem mais oceano. Atados pela ideia, são todos mar, sem sê-lo.

Todos que sonham já passaram pela sensação escorregadia de contar um sonho a alguém. Ou nem mesmo contá-lo, mas segurá-lo, lembrá-lo no segundo semi-despertado, semi-apagado que vislumbramos brevemente o pertencimento ao mundo das ideias. Há ali uma verdade que, assim que proferida, entorta, engana. Tentamos recobrar seus detalhes, citar personagens, descrever lugares, porém, no abrir dos olhos, já se desfez o cenário e os coadjuvantes recolheram-se para o escuro das coxias. Quando contamos, queremos trazer algo dali para o nosso mundo comum, mostrar para alguém uma possibilidade dos fatos distinta do jamais acontecido, a sobreposição impossível de dois mundos – que, todavia, perseguimos. João Guimarães Rosa diz:

Quando eu escrevo é como se eu quisesse pegar uma coisa que já existe. E não posso traír essa coisa. A criação da minha obra é uma tradução de uma coisa que eu não vejo. Há uma fidelidade a essa coisa que eu não sei qual é, mas sinto que tenho de guardar aquilo, de respeitar. **2**

O que já não é mais visto contém um cerne que emergirá na obra, uma origem turva, preservada pelo escritor. No relato do sonho, sentimo-nos devedores dessa fantasia adormecida, de uma verdade que ela carrega e já não temos mais certeza, e também não podemos traír.

Do mundo, Alberto Giacometti escolhe pedra e homem. Coisas que, na obra, voltam a ser coisa, mas outra coisa. Habitam o reino das ideias, perdem suas formas ao adentrarem a cabeça, e ganham todas as outras: informes até que novamente venham a ser. Fugazes e polvorosas, suas esculturas têm atributos do pensamento. Duram “algumas horas: como um alvorecer, como uma tristeza, como uma efemérida”; no gesso, ele encontra uma massa “sem peso, a mais dúctil, a

mais perecível, a mais espiritual” ³. O que está fabricado é novamente deformado, e a matéria maleável tem a chance de ser o que se deseja. O artista, em roupa-gem de seu próprio tradutor, faz a interlocução entre os dois mundos – o do pó e o da pedra – utiliza-se da linguagem de seus iguais e dá uma forma àquilo que elaborou. É *uma forma* das muitas possíveis: o indeterminado atravessa o filtro intransigente do real, e passa a ser desenho, pintura ou escultura. A determinação resoluta daquilo que poderia vir a ser tudo, e vem a ser apenas *um*, é igualmente instigante e frustrante – embora a perseguição de uma ideia me pareça ser tão infinita quanto ela mesma: enquanto houver resquícios dela, poder-se-á criar inúmeras de suas versões. No ateliê de Giacometti, amontoam-se no chão as possibilidades e impossibilidades de conformar fielmente sua ideia, *uma cabeça* e não *uma qualquer* – e assim, o assoalho é coberto do entulho poeirento que revelou, ou não, a forma ideada, e dele erguem-se as novas tentativas.

[...] Giacometti faz sempre de novo. Não se trata, porém, de uma progressão infinita; há um termo fixo a alcançar, um problema único a resolver: como fazer um homem com pedra sem petrificá-lo? É tudo ou nada: se o problema é resolvido, a quantidade de estátuas pouco importa. “Se eu pelo menos souber fazer *uma*”, diz Giacometti, “poderei fazer milhares...” Enquanto isso não ocorre, não há estátua nenhuma, mas apenas esboços que só interessam a Giacometti na medida em que o aproximam de sua meta. Ele quebra tudo e refaz mais uma vez. ⁴

Nos escritos de seus contemporâneos, James Lord, Jean-Paul Sartre e Jean Genet, há relatos e fabulações destes que, ao observarem o artista em seu ateliê e as obras em processo e finalizadas, buscavam compreender o que levava à decisão pela conclusão ou destruição, ou o que se escondia a eles na relação do artista com a obra. James Lord, no livro *Un portrait par Giacometti* ⁵, descreve a sequência de sessões de pose e pintura nas quais observou o artista a fazer seu retrato. O que supostamente duraria uma tarde, no máximo algumas horas, efetivamente exigiu dezoito encontros. A pintura que em dado momento ia bem, tão logo “andava muito mal”, dizia Giacometti, “foi longe demais e ao mesmo tempo não o suficiente”, e por isso deveriam continuar no dia seguinte – episódio que se repetiu a cada vez, até o fim. Lord relata sua atenção “para entender o que ele estava fazendo” e o que “tomava forma” na tela vedada ao seu olhar. Conta observar atentamente os materiais, cores e gestos empregados; narra momentos de desvios para

a intervenção em outras esculturas ao redor, e o retorno para a pintura que os reunia ali. Apesar de seu empenho e de já o ter observado pintar muitas vezes, o escritor diz não conseguir “adivinhar exatamente o que ele estava fazendo”. Há algo de invisível no fazer do artista escondido a Lord e aos visitantes do ateliê, que têm a sensação de que cada estado poderia ser o último, suficiente, completo. Os espectadores só tem o conhecimento “da ação física sem os correspondentes processos mentais” **6** no fazer simultâneo de matéria e pensamento, envolvidos na concepção da obra. Só o artista sabe a medida da distância que percorre: pode ser a aproximação do real ou de uma ideia, do absoluto ou do minucioso, da perfeição ou do acaso. Durante todo o processo, parece haver a sensação de incompletude ou insatisfação – que pertence apenas a ele próprio. Na insistência pela pintura, no convite para a próxima sessão, estava o empenho de se atingir algo imaginado, a partir do que era visto: James Lord sentado no ateliê.

Enquanto Lord via-se face ao artista volátil, Giacometti estava defronte à tarefa da impossibilidade. Ao pintar o retrato daquele que está diante de si, o artista exclama que “é impossível reproduzir o que se vê”. E, mesmo assim, prossegue a pintar. A impossibilidade em ação, igualmente estorvo e condição para o fazer, transforma e cria um novo mundo, ou um novo homem, sobre a tela. Os homens reais e criados passam a ser atados uns aos outros, contém, cada um, sua própria verdade relativa ao que o artista pensa e vê. Da mesma maneira que o homem feito de tinta não reproduz o real, o original não reproduz o que foi pintado, e, assim, equilibra-se o desencontro. Ao artista convém o defeito das linguagens e o transforma em sua virtude: confere o mesmo nome a coisas distintas **7** e, sob seu olhar, pele e pedra são homem.

Há a cabeça que prefigura sua pintura, a cena que antecede o ato final, a ideia que enseja sua imagem. “Falta uma imagem dentro de toda imagem” **8**, diz Pascal Quignard – e se não faltasse, não haveria sequer uma, pois todas já estariam feitas. Viveríamos na restrição das mesmices, em que o artista redundaria em seu mundo e a criação já estaria esgotada. Se percepção e imaginação são inseparáveis, nessa reconfiguração das coisas, elas seriam indivisíveis. Estaria extinto o fino limiar entre o que vejo e o que penso, entre o rosto e a fotografia, entre o ar e o sopro. Você não se arrepiaría com a rajada de vento saída da minha boca, pois não seria nada além do ar que nos envolve. Não faríamos o esforço de agarrar as imagens sonâmbulas com os olhos, antes que escorressem pelas pálpebras, na abertura da mínima fresta. Não haveria o sonho de uma cabeça e Giacometti não trabalharia mais, o ideal se satisfaria com o real.

O título do ensaio faz referência ao filme homônimo de Giorgio Soavi, *Il sogno di una testa: testimonianze per Alberto Giacometti*, realizado com Grytzko Mascioni e Sergio Genni pela RSI em 1963.

1 Michel Foucault, *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

2 Fernando Camacho, *Entrevista com João Guimarães Rosa*. Humboldt, v. 18, n. 37, p. 42-53, 1978. Disponível em: <<https://app.box.com/s/hclai1ndzofuqgr4q7bs>>. Acesso em: 25/07/2022.

3, 4 Jean-Paul Sartre, *Alberto Giacometti*. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

5 James Lord, *Un portrait par Giacometti*. Paris: Gallimard, 1991.

6 Marco Buti e Anna Letycia (org.), *Gravura em metal*. São Paulo: Edusp, 2016.

7 Alberto Manguel, *A musa da impossibilidade*. Revista Serrote, São Paulo, nº 6, 2010.

8 Pascal Quignard, *Da imagem que falta aos nossos dias*. Copenhague: Zazie Edições, 2018.









Pressentimento, 2020
carvão e pastel seco sobre papel
43,5 x 43,5 cm

Ver mais

Aqui, no espaço obscuro do pensamento, passa a projeção viva e mnêmica do mundo. É um caixote que abre seus orifícios e recebe o visível para produzir o indizível. Átrio do conhecimento do desconhecido, engole imagens de tudo em que há luz, e faz ver, também, sua sombra. Não basta fechar os olhos ou cegar-se **1** para não ver esse cinema espectral – a visão ajusta-se ao escuro e, se lhe falta o novo, rememora e fantasia como serão e como poderiam ter sido as falas e os fatos. Segue no encalço do mundo, respira imaginação, e a mente deleita-se com tudo o que é vago e indefinido **2**.

No ritmo do fôlego, da pestana e do gole, não se foge às ideias, como não se escapa do sono. Cada grão de mundo se repete ali. Por uma magia qual a astúcia das salas de espelho, a intimidade do veludo mais escuro, ou pelo segredo do som, pendregulhos e cordilheiras alastram-se como sussurros e sinfonias; entremeiam-se pelos cantos sem jamais obstruí-los. Veja a Lua, por exemplo: presa à imensidão do universo, preenche o espaço de uma cabeça com um simples piscar. A percepção descola-se do mundo ao redor e se atém àquele outro, que forma em si. Nela cabem centenas de quilômetros de distância, a grandeza de um quarto da Terra e tudo o mais que houver na cabeça do pensador.

Ter a Lua na cabeça é também ter Georges Méliès, viajante à moda de Xavier de Maistre, que foi ao espaço e voltou com sua trupe de astrônomos – decolando apenas do palco de sua imaginação. Sua Lua, ao ser devolvida ao mundo, levou consigo parte do artista e ganhou sobrancelhas, olhos, nariz e boca. Luciano de

Samósata não diria que fez a viagem de fato, mas nos aventura pela mesma empreitada. Por vias marítimas e pelo sopro dos ventos, deu início à sua narrativa para suprir a “excessiva curiosidade do intelecto, o desejo de coisas novas” **3** e a vontade de ver mais. Ver o que está distante como se estivesse próximo foi a façanha das lentes. Com o telescópio, inaugurou-se o caminho que não nos leva ao solo lunar, mas traz o extraterrestre ao globo de nossos olhos: a viagem feita pelo olhar vergado ao céu.

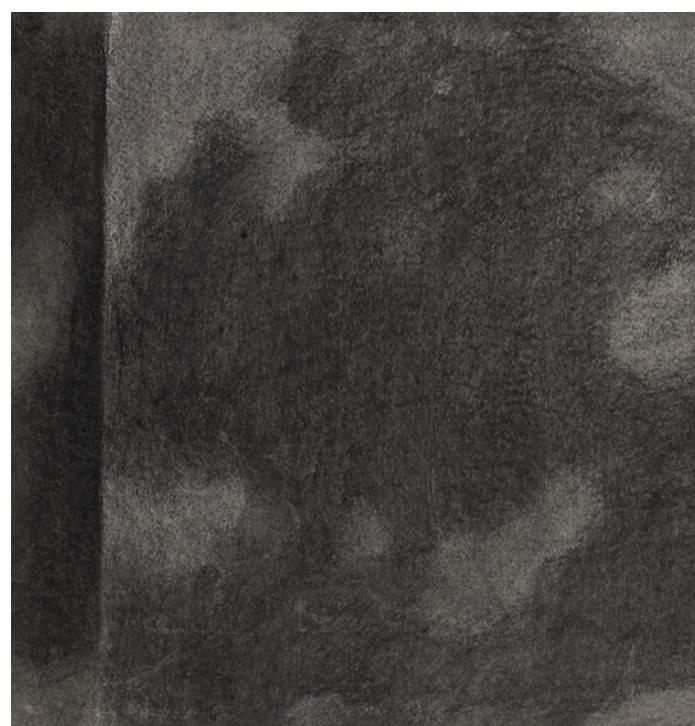
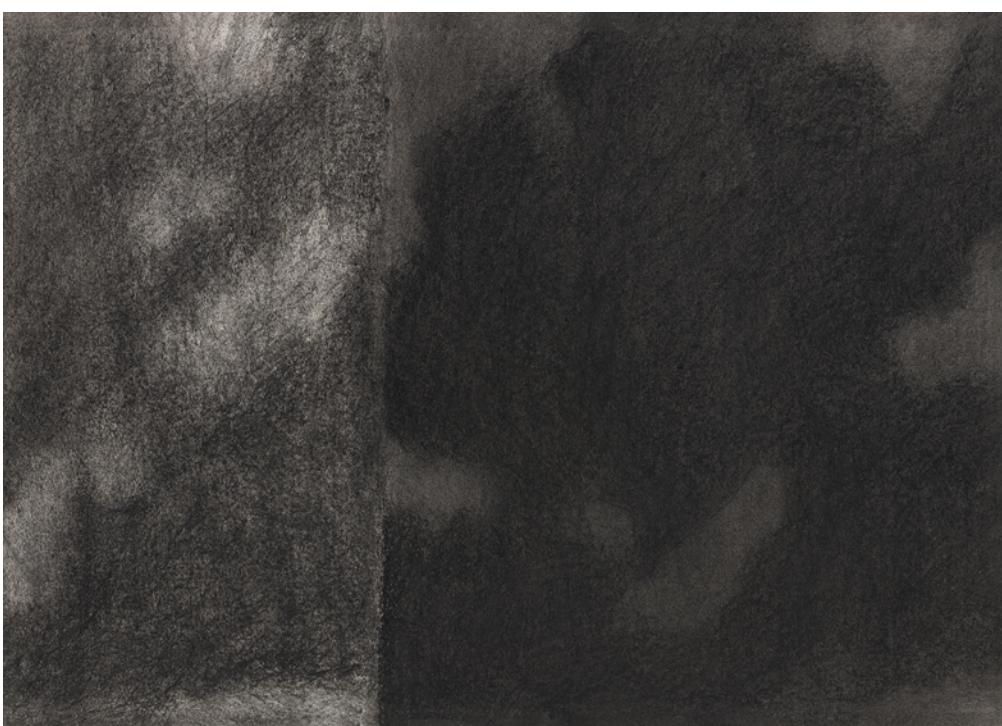
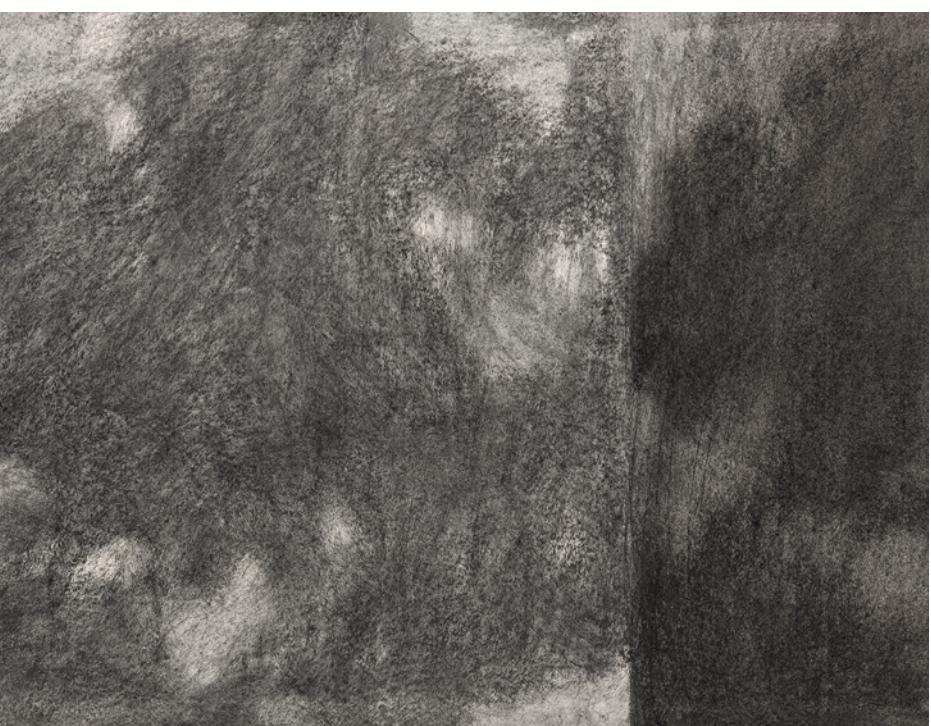
Acredito serem essas as imagens e histórias que o astronauta relembra ao chegar à Lua, e não a ver mais. Ele pousa sobre um chão, e não sobre o pequeno círculo flutuante e cíclico que via e aspirava. Nele, não teria que se equilibrar – apoiado apenas em um dedo – conforme a Lua cheia minguasse. Não haveria nem coelho, nem São Jorge; faltaria, ao peso e às texturas, aquilo que a distância escondia. O brilho e o desconhecido apagariam-se; desfaria-se a crença, fruída em seu íntimo, que a maior cratera seria seu menor detalhe, uma minúcia de sua superfície. Na tela branca e redonda em que projetaria sua Lua imaginada, haveria, no lugar, ela mesma – o astro pedregoso que se desgarrou da Terra bilhões de anos antes, e lá ficou, até que entrasse toda para dentro da cabeça. Levaria consigo o breu celeste, a terra em vigília e o solo cor-de-lua. Palavras, ideias e sons acomodariam-se ao silêncio desse mundo inexpressível, em que palavra alguma jamais pisou **4**. O astronauta pousaria na Lua, mas decolaria de sua própria cabeça – o novo satélite do astro sideral.

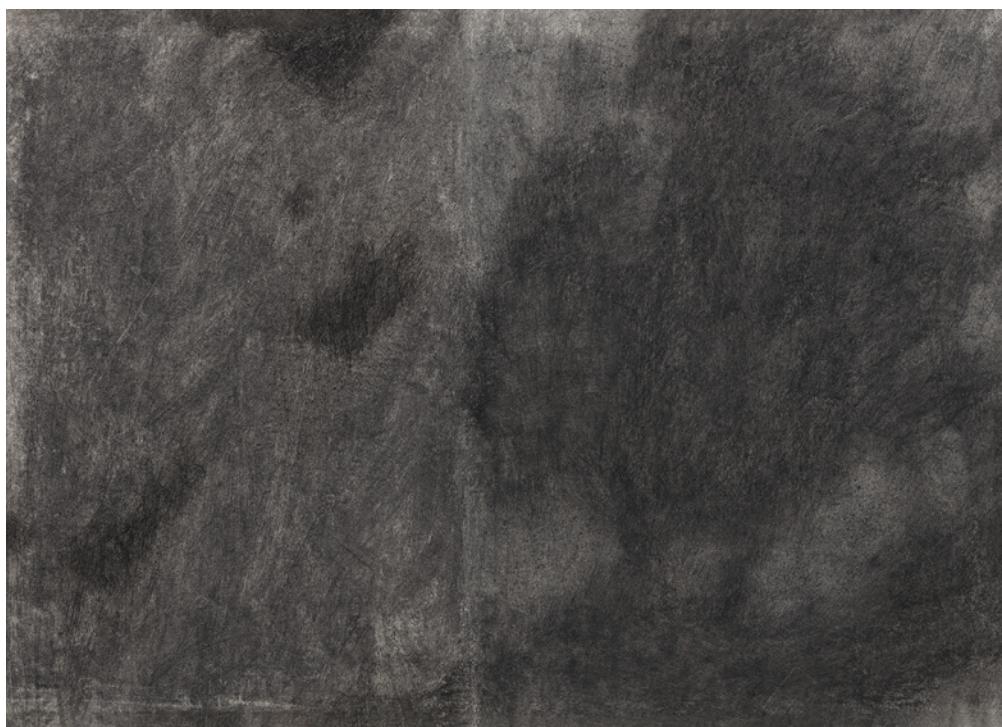
1 Jorge Luis Borges;
María Kodama, *Atlas*. São
Paulo: Companhia das
Letras, 2010.

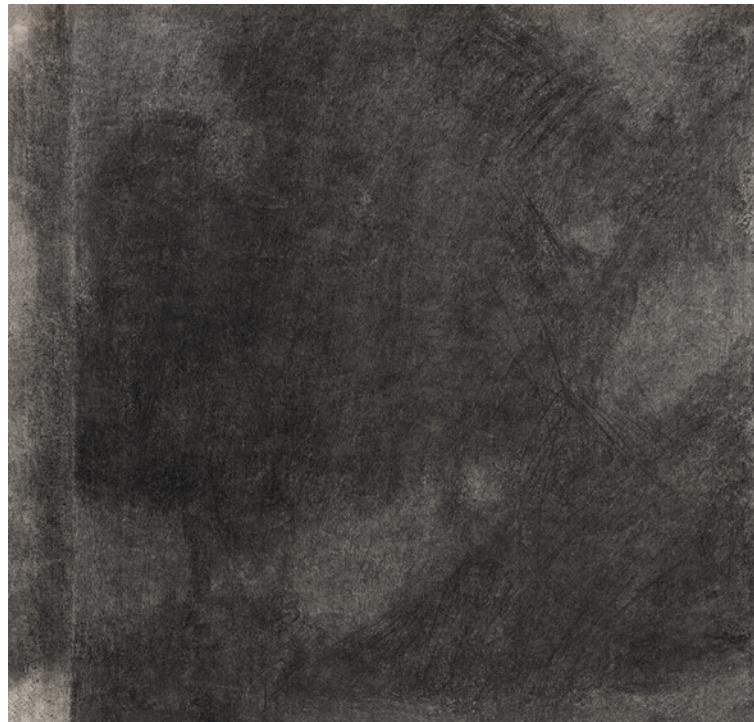
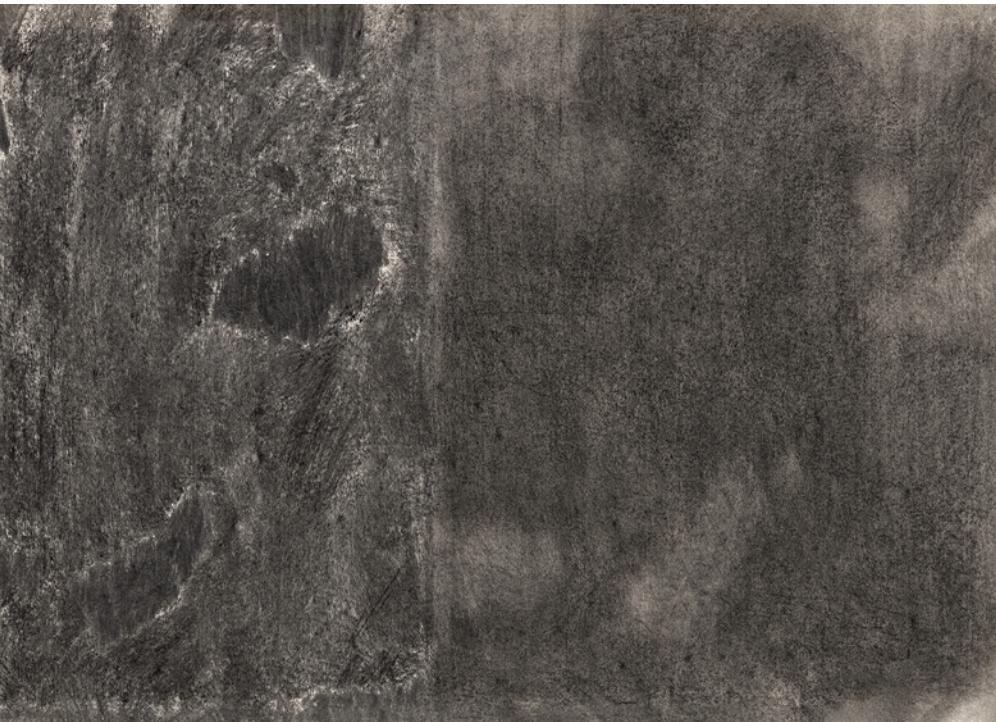
2 Alexander von
Humboldt, *Viagens às
regiões equinociais do novo
continente*. Tradução de
Leda Cartum. Inédito.

3 Lucia Sano, *Das
Narrativas Verdadeiras,
de Luciano de Samósata:
tradução, notas e estudo*.
São Paulo: FFLCH-USP,
2008.

4 Rainer Maria Rilke,
Cartas a um jovem poeta.
São Paulo: Globo, 2013.









Fantasma, 2021
carvão e pastel seco sobre papel
43,5 x 62,5 cm

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Dados inseridos pela autora

Giannotti, Gabriela Gregolin

O ar do sopro / Gabriela Gregolin Giannotti;
orientador, Marco Francesco Buti. - São Paulo, 2022. 32 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Artes Plásticas / Escola de Comunicações
e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia

1. artes visuais. 2. desenho. 3. teoria e prática.
4. ensino e aprendizagem. I. Francesco Buti, Marco. II.

Título.

CDD 21.ed. - 700

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Capa e contracapa:

Imediatamente antes, 2020
carvão e pastel seco sobre papel
96 x 66 cm

As imagens deste volume integram a
série *Tarde pela noite* (2020), desenhadas
e reproduzidas por Gabriela Giannotti.

Este livro, composto em Calluna e Century
Schoolbook, foi impresso no papel Munken
Lynx Rough 120 g/m², pela gráfica Ipsis em
São Paulo, 2023.

